


## HUMOR E ATIVISMO NO *YOUTUBE*: As narrativas íntimas de Baía Bahia e Raymundinho Furacão

HUMOR AND ACTIVISM ON *YOUTUBE*: The intimate narratives of Baía Bahia and Raymundinho Furacão  
HUMOR Y ACTIVISMO EN *YOUTUBE*: las narraciones íntimas de Baía Bahia y Raymundinho Furacão

### Geovanna de Lourdes Alves Ramos

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente do curso de História, Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO da UFU. [geovanna\\_gigia@yahoo.com.br](mailto:geovanna_gigia@yahoo.com.br).

 0000-0003-4998-4517

### Weberson Ferreira Dias

Mestre em Ciências Sociais e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Assistente em Administração do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), campus Gurupi. [webersondias@gmail.com](mailto:webersondias@gmail.com).

 0000-0003-3638-5590

Correspondência: Universidade Estadual de Goiás - UEG. BR 153, Quadra Área Km 99, Zona Rural, Anápolis - GO, 75132-903, Brasil.

Recebido em: 03.04.2020.  
Aceito em: 27.05.2020.  
Publicado em: 01.07.2020.

### Introdução

O espetáculo é uma relação social entre pessoas mediada por imagens (DEBORD, 2000, p. 14).

Em 2006, no Brasil, a Revista Piauí (Ed. Abril) lançou a seção “Diário”, construída a partir de relatos do cotidiano ou episódios isolados ocorridos na vida de um personagem real, sob a ótica dele mesmo (texto autoral). As narrativas, publicadas mensalmente e em primeira pessoa, tinham ordem cronológica e eram ilustradas por uma fotografia do narrador, no intuito de atestar realidade ao fato. Nas páginas da revista, o narrador tornava-se protagonista do cotidiano e passou a humanizar sua existência a partir de suas próprias histórias. Nesse sentido, a narrativa é incorporada na vida do narrador, tal “como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1985, p.205).

### RESUMO:

Nesse artigo descrevemos as narrativas de dois personagens que na última década publicaram vídeos sobre seus mais íntimos segredos, geralmente casos de amor e do cotidiano que ganharam repercussão mundial, através do espaço disponibilizado pelo *Youtube*. Propomos como análise os canais Ary Régis Lima e Raymundinho Furacão. Para tanto, selecionamos quatro vídeos produzidos para o entretenimento, mas nos quais os personagens retratam a violência vivenciada por eles, mediante sua orientação sexual. Apesar das narrativas serem repletas de sátiras, de humor e de exibicionismo, Baía Bahia e Raymundinho Furacão militam enquanto apresentam momentos de perigo e aflição.

**PALAVRAS-CHAVES:** Narrativa midiática; *Youtube*; humor; violência a *gays*.

Sem interferência direta da edição, a banalidade do dia a dia era o que interessava para o veículo jornalístico em questão. Até o humor<sup>1</sup> era explorado. Tão importante para o jornalismo literário que as representações da vida popular em formato de diário foram alvo de estudos de diversos pesquisadores.

Em 2007, Justin Kan, ficou conhecido por andar sempre com uma *webcam* presa a seus acessórios de chapelaria. A câmera era conectada a um laptop em sua mochila e as imagens, capturadas por ela, divulgavam *feed* de vídeo quase 24/7 da vida de Kan na internet, através do site *Justin.tv*. A experiência colocou o adolescente na posição de vigiado por centenas de pessoas através das telas de computador e lhe proporcionou interação com internautas via *e-mail* ou *chat*. O negócio cresceu tanto, que estreou a transmissão ao vivo de pessoas comuns, realizou games e viu sua fama crescer. O jovem de San Francisco, na Califórnia, à época com 23 anos, contribuiu para a instauração de nascimento de um novo gênero: o moderno movimento *lifecasting* ou transmissão de vida. Nos moldes antigos, a *Justin.tv* encerrou suas atividades em 2014, após sete anos de existência.

Três anos depois, em 2010 estreava na Rede Globo, aqui no Brasil, o programa televisivo “Brasileiros”, que tinha o propósito de contar histórias de cidadãos comuns que, por meio de suas atitudes, mudaram o dia a dia de um grupo de pessoas. À época, os apresentadores, Edney Silvestre, Neide Duarte e Marcelo Canellas, percorriam todo o país em busca de histórias de solidariedade e superação. Ao todo, foram exibidos nove episódios, gravados em Estados como Ceará, Santa Catarina, São Paulo e Paraná. A estreia aconteceu em junho de 2010 e as exibições duraram poucos meses.

Embora se tenha utilizado os casos acima apenas como exemplos ilustrativos do que será mobilizado na bibliografia, nessa esteira, pode-se afirmar que as narrativas pessoais ganharam novos espaços e as vozes foram amplificadas com a popularização da internet no Brasil. O que antes se restringia aos contextos “um-um” e “um-todos”, na era do mundo conectado em rede foram derrubadas as barreiras existentes entre a produção e a recepção, fazendo surgir o cenário “todos-todos” (LEVY, 1999). O receptor agregou mais posições e passou a ocupar também os lugares de narrador e produtor,

---

<sup>1</sup> Embora reconheçamos certa dificuldade numa definição definitiva do termo, seguiremos o entendimento de Jerónimo (2015, p. 67) para quem humor é sinônimo de “quaisquer eventos ou formulações discursivas, intencionadas ou inadvertidas, que provoquem experiências cognitivas culturalmente partilhadas capazes de suscitar o riso e providenciar divertimento”. Do mesmo modo, pensamos humor enquanto categoria que, em oposição ao humor depreciativo, utilizado como um eficaz instrumento de comunicação, que facilita a transmissão de emoções concretizadas nas formas de sarcasmo, piadas, sátira e ironia (SARAIVA; IRIGARAY, 2009). Tais angulações só reforçam sua fertilidade enquanto campo de pesquisas.

concomitantemente. Nessa ambiência midiática e digital, os homossexuais ganharam novos espaços de expressão de suas ideias e a internet tornou-se palco de militância, a partir de suas histórias de vida que ganharam a *web*, especialmente o *Youtube*, em muitos casos utilizando o humor autobiográfico como o principal recurso linguístico. Este artigo se fundamenta nesse pressuposto.

Nosso recorte neste texto parte de dois personagens que na última década publicaram vídeos sobre seus mais íntimos segredos, geralmente casos de amor e fatos do cotidiano que ganharam repercussão mundial, através do espaço disponibilizado pelo *Youtube*. Propomos como análise os canais Ary Régis Lima e Raymundinho Furacão<sup>2</sup>.

O canal Ary Régis Lima, antigo canal Laranjas Bahia, é o espaço on-line que Abraão de Sousa Lima, mais conhecido como “Baia Bahia”<sup>3</sup>, conta seus casos e lembranças da infância e vida adulta, a maioria deles em João Pessoa (PB), capital onde morou para aprender o ofício de cabeleireiro<sup>4</sup>. Natural de Alagoinha<sup>5</sup>, naquele Estado, Baia é homossexual assumido e cego (ou como ele mesmo autodenomina, “invisual”), desde o ano 2000. Em 2010, ao lado do conterrâneo, fotógrafo e produtor Ary Régis Lima, Baia grava seus primeiros vídeos. As imagens capturadas em sua casa no interior paraibano passam a fazer parte da *websérie* Laranjas Bahia. Ali nascia a “personagem fria”, um ser imaginário que Baia sempre assumia nos momentos de iminente perigo<sup>6</sup>. Em 2018, Baia foi acometida com uma pneumonia crônica, passou vários dias internada e perdeu a memória. Hoje, o personagem está com 51 anos de idade, sofre de demência e é cuidado por familiares em sua cidade natal. Na internet desde fevereiro de 2009, o canal conta atualmente com 16,3 mil inscritos e obteve, desde sua inscrição, quase 2 milhões de visualizações.

O canal Raymundinho Furacão apresenta as histórias do personagem cuja vida lhe empresta o auxiliar de serviços gerais Raimundo da Conceição Barros Sampaio, de 32

---

<sup>2</sup> Além do *Youtube*, as histórias da Baia estão presentes também no *Facebook* e *Instagram*.

<sup>3</sup> Almeida (2015, p. 01) diz que o cabeleireiro *gay* de meia idade é sensacional, divertido, tem personalidade cativante e além de tudo, é influente, o que, por conta de seus vídeos reveladores, transformou-se numa *webstar*. Ainda segundo ele, o humor é um elemento marcante na obra. “Seus vídeos são muito engraçados e ao mesmo tempo muito conscientizadores (*sic*), fazendo Baia se tornar um ícone *teen* dos homossexuais (...). Não tem quem não ri (*sic*) com as loucas histórias de Baia”.

<sup>4</sup> Na infância, Baia relata suas lembranças em Alagoinha. Já na vida adulta, Baia conta acontecimentos que se deram, além do município de João Pessoa, também em Guarabira, Mangabeira e Alagoa Grande, cidades do interior paraibano.

<sup>5</sup> Município localizado no agreste paraibano e há pouco mais de 90km de distância da capital João Pessoa.

<sup>6</sup> Na observação de Coutinho Junior *et all* (2016, p. 9-10), a personagem fria estivera presente nos momentos de sofrimento e preconceito, “marcas lembradas e construídas enquanto força e superação”, como “uma reação ou mecanismo de defesa volátil”.

anos. A “Bicha Louca do Maranhão”, seu *slogan* oficial na rede, é homossexual assumido de Arari (MA)<sup>7</sup> e seu canal está no ar desde novembro de 2017, contabilizando atualmente 103 mil inscritos e cerca de 10 milhões de visualizações. É no ciberespaço que Ray, como é conhecida carinhosamente pelos seus fãs, relembra seus casos amorosos e momentos alegres e tristes de sua vida em sua cidade natal, no interior maranhense, além de mostrar suas andanças na “caça-macho”, sua bicicleta, companheira inseparável. Mais recentemente, começou a fazer *quiz* com amigos e artistas, além de mostrar a rotina de shows que participa e também ensinar a preparar pratos tipicamente maranhenses.

Os personagens principais desse artigo unem-se através de suas existências e resistências de crescer *gay* em meio a uma sociedade moralista, preconceituosa e machista. Também os aproximam suas origens nordestinas e o gênero narrativo *fait divers*, de histórias inusitadas que mesclam aceitação, excitação, perigo e conscientização, cujos relatos são tecidos por fios de drama e suspense. A idade e suas rotinas de trabalho separam os personagens; o humor empregado na narrativa dos contos é o elemento linguístico que os aproxima.

Por assim ser, é nesse contexto de popularização da internet que os vídeos de homossexuais ganham novos espaços de fala. *WebSéries*, Clipes com personagens não binárias e narrativas particulares de casos vividos na vida real são progressivamente espetacularizados na internet. Em meio a essas tramas, que envolvem aceitação e representatividade, suas tessituras são fiadas pelo humor em forma de resiliência e visibilidade<sup>8</sup>.

## Do local para o global

O que move uma minoria é o impulso de transformação (SODRÉ, 2005, p. 12).

<sup>7</sup> O Município está localizado a pouco mais de 160 km de São Luiz, capital maranhense.

<sup>8</sup> A partir de uma análise comparada sobre o regime de desejos homoafetivos entre homens paulistanos e norte-americanos nos meios tecnológicos, o sociólogo Richar Miskolci (2017) aprofunda o tema da visibilidade na contemporaneidade, a fim de compreender como eles têm negociado a visibilidade do desejo homossexual, sem assumir sua identidade *gay*, e buscando vivenciar o próprio desejo com segurança e discrição. Muitos, fora dos aplicativos, constituíram famílias heterossexuais, seguindo a lógica heteronormativa, sem romper com os vínculos considerados por eles como “normais”. “Chamo (...) de desejos digitais essas novas formas de expressão do desejo na era das relações criadas por plataformas comunicacionais em rede e que existem não apenas on-line, mas se estendem também ao off-line. As tecnologias comunicacionais nos transformam como seres desejantes” (MISKOLCI, 2017, p. 100).

Embora os diários físicos sejam assuntos socialmente mais corriqueiros, as narrativas pessoais somente passaram a ocupar os meios digitais nas últimas décadas, a partir do advento da internet. Para concepção deste artigo, utilizaremos como base bibliográfica quatro autoras: Ana Carolina Escosteguy (2011), Suzana Kilpp e Sonia Montaña (2012) e, mais recentemente, Paula Sibilia (2016), nesta ordem.

Como uma espécie de crítica aos estudos de mídia que se concentram somente na ubiquidade da comunicação, Escosteguy (2011) afirma que as narrativas pessoais desfazem o ciclo do modelo linear de comunicação, cujos discursos partem de forma unidirecional do produtor ao consumidor (este último também entendido como audiência ou recepção). A autora lança mão das narrativas pessoais mediatizadas como objeto de estudo para estudar as práticas orientadas pela mídia. Partindo do entendimento de que a mídia exerce um papel difuso, penetrante e onipresente na vida cotidiana atual, Escosteguy (2011) percebe que há um momento específico de interação prática com a mídia, onde a produção e o consumo são colocados em segundo plano, em detrimento da circulação.

Nesse cenário, observa a autora que as narrativas pessoais – as “vozes” – são construídas e postas em circulação pela mídia viabilizando, assim, o apagamento das fronteiras entre produção e recepção e, concomitantemente, a evidente presença e o papel da mídia na sua configuração. Ao passo que acrescenta

Esses relatos pessoais, histórias de vida contadas por seus próprios personagens que são construídas dentro de uma dinâmica midiática, revelam que a) a mídia faz parte da relação entre atores sociais e suas narrativas; b) que as partes envolvidas – os atores sociais, as histórias de vida e a mídia – não podem ser compreendidos independentemente porque existe uma íntima negociação de sentido que modifica tanto os atores quanto seus relatos e c) dado que circulam e são produzidos em determinado ambiente tecnológico e institucional, revelam determinados padrões e lógicas comuns. Por essa razão, essas narrativas pessoais são entendidas como práticas orientadas pela mídia, deixando de ser vistas meramente como textos ou através do prisma da produção ou da recepção (ESCOSTEGUY, 2011, p. 206).

Segundo ela, essas histórias pessoais estão, hoje, espalhadas em distintas mídias – massiva e digital – e são apresentadas mediante diversas estratégias narrativas: diários, autobiografias, memórias, depoimentos, testemunhos postos em circulação; ao que se percebem, tais gêneros são relatos personalizados e cuja “realidade” pode ser narrada pelos atores sociais envolvidos na história de vida e ainda por um terceiro, que testemunhou o fato (ESCOSTEGUY, 2011).

O que esses relatos têm em comum, a exemplo das histórias orais<sup>9</sup>, é o fato de que ao contar “uma história”, tornam-se um modo de conhecer ou acessar o mundo. A partir dos relatos, segundo a autora, as narrativas pessoais podem ser consideradas para além de um reflexo da vida, mas uma forma substancial de construí-la. Portanto, por causa da dinâmica midiática recém-descrita, diz ela, esses relatos se configuram como narrativas pessoais midiáticas. Não se trata de mediação<sup>10</sup>, mas “trata-se de uma lógica transformativa particular que age numa determinada direção, tomando como ponto de partida a mídia” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 207).

Por fim, Escosteguy (2011) assegura que tomar as narrativas pessoais como objeto de estudo clareia uma nova posição nas pesquisas de comunicação na medida em que analisa a mídia a partir da ocupação do lugar inerente à própria constituição e existência dos relatos. Além disso, segundo a autora, a prática das narrativas em ambientes tecnológicos faz com que os relatos sejam reconhecidos por quem os lê, assiste ou ouve.

Embora a abordagem seja em torno de um novo procedimento de análise de materiais fílmicos, Kilpp e Montaño (2012, p. 131) vão ao encontro de Escosteguy (2011), quando dizem que o audiovisual, inclusive aquele produzido pelos profissionais amadores, espalhou-se de modo vertiginoso pelas mídias e que seus usos e apropriações “saíram do controle exclusivo das grandes empresas de comunicação”.

Kilpp e Montaño (2012, p. 135) afirmam que o contemporâneo, cuja globalização é uma das suas facetas, tem a conectividade como urgência. É ela que nos permite uma experiência ininterrupta, possível e desejável. A partir dos novos meios contemporâneos, a sociedade apresenta-se em fluxos comunicativos (ou trânsito, conforme as autoras), que a grande rede parece nos inserir e que, na visão delas, “tem uma forte qualidade audiovisual”.

Dentro dessa nova metodologia de dissecação do audiovisual, as autoras explicam:

---

<sup>9</sup> Conforme Alberti (2005, p. 155), a História Oral é “uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”.

<sup>10</sup> No entendimento da autora se refere ao processo cujas transformações ocorrem na “mensagem” (gêneros e formatos) e entre emissor e receptor mediante a influência de uma mídia específica. A mediação, para ela, é “um processo de longo-alcance que diz respeito a alterações, entre estruturas e agentes sociais”. Segundo ela, “esses conceitos são complementares e oferecem uma possibilidade teórica, vinculada aos estudos de práticas orientadas pela mídia, **para romper com as perspectivas lineares de entendimento da comunicação**” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 207, grifo nosso).



O vídeo ao vivo **assistido** ou **explorado**, a transmissão, o todo e, talvez num segundo plano, o bate-papo (que sempre é ao vivo) são molduras centrais na produção de sentidos sobre o que se veicula na plataforma (KILPP; MONTAÑO, 2012, p. 138, grifos das autoras).

Dessa forma, embora se refiram a seu objeto de estudo, a *Justin Tv*, enunciada na introdução deste artigo, a explicação é consentânea e pode ser aplicada também à plataforma de compartilhamento de vídeos, *Youtube*. Ao citarem Walter Benjamin (1985), Kilpp e Montañó (2012, p. 141) lembram que existe o “legítimo direito de todos aparecerem na tela, e, mais ainda, o direito de qualquer um ser filmado”. Embora Benjamin se referisse ao narrador do cinema, as autoras atualizaram para a lógica do “ao vivo”, presente nos serviços de compartilhamentos de vídeos, que aqui está incluso o *Youtube*. Segundo elas, os direitos de filmar e ser filmado “estão plenamente realizados” nos dias atuais.

Em seu livro “O show do eu” (2015), Paula Sibilia afirma que há na sociedade uma ordem crescente de deslocamento dos diários na intimidade (interioridade oculta/privado) para a lógica espetacular (comportamento visível/público), ao que a autora denomina de *extimidade*. Na exposição da vida íntima proporcionada pelo *Youtube* é que se desenvolvem novas subjetividades, agora exteriorizadas, que se constroem no campo do visível e, assim, performam sua existência em visibilidade. Nesse “verdadeiro festival de ‘vidas privadas’”, como diz Sibilia (2008, p. 27), muitos se “oferecem despudoradamente aos olhares do mundo inteiro”, potencializado pelas novas mídias digitais. Segundo ela, as confissões diárias em palavras e imagens de todos são espetacularizadas, à distância de um clique de quem deseja bisbilhotá-las.

Quanto a levar ao público passagens de uma vida, a autora considera que as formas de expressão que se proliferam são consideradas vidas de seus autores e também obras de arte produzidas pelos novos artistas da era digital. Ela expõe que considera as duas formas, embora reconheça que muitos sujeitos montam espetáculos de si e “mentem” ao narrar suas vidas na *web*. Nesse ínterim, há, segundo ela, as narrativas de ficção e aquelas que se apoiam na garantia de uma existência real; o que as diferenciam são o olhar de quem lê. “Se o leitor acredita que o autor, o narrador e o personagem principal de um relato são a mesma pessoa, então se trata de uma obra autobiográfica”, justifica Sibilia (2015, p. 30-31). Quanto aos usos “confessionais” da internet, comentou:

Seriam, portanto, manifestações renovadas dos velhos gêneros autobiográficos. O *eu* que fala e se mostra incansavelmente na *web* costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Além disso, porém, não deixa de ser uma ficção; pois, apesar de sua

contundente autoevidência, é sempre frágil o estatuto do eu. Embora se apresente como 'o mais insubstituível dos seres' e 'a mais real, em aparência, das realidades', o *eu* de cada um de *nós* é uma entidade complexa e vacilante. Uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual. Mas se o *eu* é uma ficção gramatical, um centro de gravidade narrativa, um eixo móvel e instável onde convergem todos os relatos de si, também é inegável que se trata de um tipo especial de ficção. (...) A experiência de si, como um eu, se deve, portanto, à condição de narrador do sujeito: alguém que é capaz de organizar sua experiência na primeira pessoa do singular (SIBILIA, 2015, p. 31, grifos da autora).

Sibilia (2015) segue quanto ao uso de imagens e palavras, que podemos enquadrar ao que é postado na plataforma multifuncional *Youtube*. Segundo ela, usar palavras e imagens é agir; trata-se da possibilidade de criar universos e construir nossas subjetividades, mantendo o rico acervo de significações do mundo. A linguagem, conforme Sibilia (2015, p. 32), ajuda a organizar o tumultuado fluir da própria experiência e a dar sentido ao mundo, assim como "estabiliza o espaço e ordena o tempo em diálogo constante com a multidão de outras vozes que também nos modelam, coloreiam e recheiam".

Não obstante, a autora, em alguns momentos, impõe limites ao eu, a primeira pessoa do singular. Segundo ela, os elementos que dão espessura aos relatos são originados fora de si, nos outros. "Todo relato se insere em um denso tecido intertextual, entremeado com outros textos e impregnado de outras vozes (...), [até] as mais solipsistas narrativas do eu" (SIBILIA, 2015, p. 32). Assim,

As escritas de si constituem objetos privilegiados quando se trata de compreender a constituição do sujeito na linguagem (ou nas linguagens) e a estruturação da própria vida como um relato (...). As novas versões dos gêneros autorreferentes que desembocam no insólito fenômeno da exibição da intimidade dizem muito sobre as configurações atuais dessas delicadas entidades: o *eu* e a *vida*, sempre fluidas e dificilmente apreensíveis, embora cada vez mais enaltecidas, veneradas e espetacularizadas. Pois é notável a atual expansão das narrativas biográficas: não apenas na internet, mas nos mais diversos meios e suportes. Uma intensa 'fome de realidade' tem eclodido nos últimos anos, um apetite voraz que incita ao consumo de vidas alheias e reais. Os relatos desse tipo recebem grande atenção do público: a não ficção floresce e conquista um terreno antes ocupado de maneira quase exclusiva pelas histórias de ficção (SIBILIA, 2015, p. 33-34, grifo da autora).

É em relação a esse entre-lugar que se configura tentativa a investida deste artigo, que pretendemos adentrar para entender melhor sua lógica, especialmente entremeado



pelo seu recurso linguístico, o humor, e voltando sua estrutura narrativa aos conhecimentos e experiências de violência vivenciadas pelo público *gay* masculino.

### Transfigurando humor em militância

Gerar conteúdo *gay* no *Youtube* não é uma tarefa fácil. Alguns canais tem se destacado recentemente nessa tarefa. Chá dos 5, Canal das Bee, Luba TV, Para Tudo, Diva Depressão, Vida de Poc e Põe na Roda são alguns dos exemplos que fazem ativismo LGBTIs na rede<sup>11</sup>. Seleccionemos este último para principiar este excerto.

Quando Pedro HMC pensou em criar um canal *gay* na internet e sua mãe soube, logo veio a pergunta: “Você vai trabalhar com filme pornô, filho?” (HMC, 2014). Embora qualquer canal *gay* seja corriqueiramente associado a sexo, o canal Põe na Roda surge para desconstruir tais estereótipos. Sete anos depois, em 2018, ao tratar de conteúdo *gay* no *Youtube*, Pedro HMC afirmou que sentia falta de canais que unissem entretenimento e informação *gay*, pois no *Youtube* havia poucos exemplos. “Quer saber, eu vou fazer. Eu queria fazer canal de humor. Nem tinha ativismo de LGBTIs<sup>12</sup> e fui aprendendo com a audiência do canal”, disse ele em entrevista durante a Parada *Gay* de São Paulo de 2018. “A gente pode fazer por uma geração uma coisa que a nossa geração não teve”, disse (HMC, 2018).

Hoje, sabe-se que várias são as linguagens utilizadas pelos *youtubers* no intuito de se fazerem entender pelos seus públicos de interesse; uma dessas vertentes lança mão fortemente de conteúdos humorísticos, a partir do princípio de que o humor pode ser uma ferramenta essencial na militância em torno da sexualidade LGBTIs. O gênero tece os contos narrados pelos personagens e fazem surgir vozes que aliam ativismo a narrativas bem humoradas na busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

O humor como instrumento de reflexão, aquele que nos arranca do lugar do conforto e nos conduz ao lugar da resiliência. Em oposição ao humor depreciativo, nos voltamos para o humor que enfrenta o preconceito e gera empoderamento<sup>13</sup> diante de

<sup>11</sup> Também denominado de *ciberativismo* ou ativismo virtual, a prática se refere a fazer reivindicações, articular mobilizações, ampliar discussões diversas relacionadas a causas e conscientizar os públicos sobre determinados assuntos em rede. Como espaço de poder, a internet, não apenas dar, como também reconhece as inúmeras vozes e o *Youtube*, a *nosso ver*, capilariza a investida.

<sup>12</sup> Em todo o artigo, tomaremos como referência para a sigla apresentada no livro “Tentativas de Aniquilamento de subjetividades LGBTIs”, lançado em 2019, pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2019).

<sup>13</sup> Aqui entendido em duas vertentes: a) enquanto desenvolvimento de todo potencial para despertar o poder que o indivíduo tem para realizar sonhos e ser feliz (emancipação individual);

situações reais recorrentemente vivenciadas por homens *gays*. Esse é o pressuposto-base deste texto.

Este artigo apresenta duas personagens que se enquadram nesse nicho. Brincam, debocham e riem das próprias agruras da vida. Personagens que se tornaram conhecidas na internet por se utilizarem do bom humor para tratarem de temas sérios e importantes. Eles utilizam a arte em forma de vídeo para aliviar suas próprias dores. Deixam de ser o alvo da piada para produzirem riso e reflexão.

Selecionamos para esse texto dois episódios de Baía Bahia e dois episódios de Raymundinho Furação. Justifica-se a escolha pelos casos serem emblemáticos quando às violências e violações sofridas por homossexuais masculinos em suas experiências cotidianas.

O primeiro caso analisado é o do episódio “Hoje tem espetáculo”, no qual Baía Bahia descreve uma tentativa de homicídio que ocorreu com “Dani P”, uma amiga animadora de festa que gostava de arriscar a vida, do perigo; nas palavras de Baía, “gostava de viver perigosamente”. Baía relata que foram quatro amigas<sup>14</sup> num certo domingo até Mangabeira (PB) visitar uma amiga que havia se mudado da capital paraibana para o interior. Segundo Baía, Cocó tinha o carro, Dani P tinha o dinheiro, Drica tinha a beleza e Baía a vontade de passear de carro.

As quatro amigas, além de vizinhas de bairro, eram inseparáveis. Na volta da visita, Dani P parou para tomar uma cerveja em um quiosque daquela localidade, onde encontraram dois rapazes de boa aparência e os convidaram para seguir até João Pessoa para participar de uma festinha particular na casa da Dani P. Em um dado momento da festa, Drica, Cocó e Baía deixaram Dani P sozinha na casa com os garotos, ao passo que os adolescentes anunciaram o assalto. Dani P guardava suas economias do mês de trabalho dentro de caixas no “quarto dos sonhos”, uma espécie de depósito de materiais de animação de festas. Por não querer revelar onde estaria o dinheiro, durante a procura, Dani P levou 17 perfurações de tesoura no corpo.

Por fim, a vítima gritou e, com medo dos vizinhos, os rapazes fugiram levando consigo a carteira e o celular de Dani P. Nesse intervalo, Baía desconfiada que pudesse acontecer o pior, chamou as amigas para socorrerem Dani P que estaria em apuros. Quando num dado momento, ouviu Dani P gritar na esquina da rua toda ensanguentada

---

e, b) como sinônimo da união entre iguais que potencializadores debates em relação à conscientização civil sobre direitos sociais e civis na esfera política (consciência coletiva).

<sup>14</sup> Durante todo o relato, Baía Bahia se refere aos amigos no gênero feminino e com codinomes de mulheres, mas lembramos que Baía se refere a pessoas do gênero masculino.

e sem os dentes. Após a chegada da família, a vítima foi levada para o hospital e sobreviveu por ser obeso, fato que impediu a tesoura de atingir órgãos vitais. Entre tantos detalhes da história, o humor do episódio está nas imitações que Baia faz da vítima das tesouradas e nas pegações que elas fizeram com os “boys”<sup>15</sup> durante o trajeto e na casa de Dani P (LIMA, 2011a).

O segundo é o episódio “Psicopata do Grindr”<sup>16</sup>. Neste, Baia narra a história do encontro entre a Mona Cindy<sup>17</sup> e Yvone<sup>18</sup>, apelidos carinhosos dados aos reais personagens de João Pessoa (PB). Baia conta que Mona Cindy era um rapaz interiorano, rico, bonito, com sobrenome poderoso que viveu a vida toda “dentro do armário”<sup>19</sup> até passar na faculdade em João Pessoa (PB). Sozinha e carente, Cindy conheceu os aplicativos de pegação<sup>20</sup> e se conectou a um bonito rapaz, que não tinha qualquer amizade com os amigos da Mona Cindy no *Facebook*, cujas características inspiram o título do vídeo.

O rapaz, segundo Baia, a Yvone, era lindo, discreto e procurava alguém para algo sério no sigilo absoluto. Após um jantar e uma noite de amor no apartamento de Mona Cindy, no dia seguinte esta deixou o local para comprar o pão do café da manhã para ambos. Quando voltou, Yvone tinha roubado vários pertences de valor no apartamento da Cindy, entre os quais a coleção de CDs e DVDs da Celine Dion e o perfume francês da Lady Gaga. Para não revelar sua sexualidade para a família, apesar do roubo, Cindy não levou o caso à polícia, especialmente após o encontro casual dos dois em um café na capital paraibana. O humor de Baia fica evidenciado neste episódio em trechos de música de Xuxa “Lua de Cristal” e na oração de São Francisco de Assis, bem como quando narra o roubo no apartamento e o sonho de Cindy ao sentir-se amada. Em um dos momentos Baia diz aos berros: “É porque tem hora que a gente tem que rir, né?” (LIMA, 2016).

---

<sup>15</sup> Gíria da comunidade *gay* para designar homens com aspecto masculino que despertam interesse ou tenham envolvimento com *gays*.

<sup>16</sup> Trata-se de uma plataforma geosocial de encontros *gays*, onde os participantes expõem parte de seus corpos. Criado em 2009 em Los Angeles, no aplicativo os usuários podem visualizar 99 pessoas mais próximas, trocar mensagens privadas, fotos e localizações de mapas (MISKOLCI, 2017; CARDOSO *et al.*, 2019).

<sup>17</sup> Os autores acreditam que se trata de referência à cantora Cyndi Lauper, diva pop *gay* dos anos 1980 e 90.

<sup>18</sup> Estrelada por Leticia Sabatella, a vilã Yvone era uma psicopata da novela global Caminho das Índias (Rede Globo), que por cometer as maiores barbaridades, tornou-se uma das personagens mais marcantes da trama. O rapaz da história de Baia se assemelha a Yvone, porque, na novela, ela seduz e rouba o marido de uma amiga e o depena, largando-o quando ele se vê na miséria.

<sup>19</sup> Gíria comumente usada pela comunidade *gay* para se referir a homossexuais ainda não assumidos.

<sup>20</sup> Na gíria *gay*, sinônimo de sexo anônimo, sem compromisso.

Quantos aos contos do canal Raymundinho Furacão, o primeiro analisado foi o episódio “Levei ele pra minha casa, olha o que aconteceu”. No vídeo, Ray narra uma história que se passou após uma festa de *reggae* em sua cidade, localizada no interior maranhense. Segundo Ray, depois de trocar olhares com um “margi”<sup>21</sup>, o maloqueiro começou a segui-la no final da festa. Depois a abordou e, após uma rápida combinação, seguiram até a casa do Ray, embora esta estivesse arrependida e desconfiada de que poderia ser roubada, já que segundo Ray, o “olho do boy [teria] ‘dançado’ a casa todinha”.

Após o sexo, Ray conta que o rapaz lhe pediu um copo de água. Para despistar o jovem, Ray pediu que esperasse até fechar a porta dos fundos. Quando voltou, Ray viu o rapaz, sem qualquer constrangimento, roubar os mantimentos da compra do mês na geladeira, tais como ovos e sardinha. Eles discutiram, o rapaz disse que não iria fazer “o serviço” de graça. Com os alimentos na cesta da bicicleta, Ray expulsou o margi de casa. Duas semanas depois, na mesma situação, após a festa do *reggae*, o margi reapareceu querendo novamente fazer uma visita na casa de Ray, ao que este dispensou o jovem lembrando o roubo das semanas anteriores. “Minha irmã, nunca mais eu quis colocar um margi em minha casa. Isso foi um ‘inemplo’[síq]”, finaliza Ray. O humor do episódio é evidenciado nos diálogos do “casal”, quando da discordância destes na negociação da entrega das compras e no reencontro nas semanas posteriores (FURAÇÃO, 2019a).

No episódio “Saí com um, apareceu mais três”, o segundo analisado, Raymundinho conta a história que lhe aconteceu numa ocasião de uma festa realizada no povoado próximo a sua cidade. Segundo ele, durante a festa, trocou olhares com um rapaz de boa aparência e saíram para um local reservado. Quando estavam a sós, chegaram três rapazes, um deles menor de idade e com uma faca em punho. No mesmo instante, Ray entendeu que se tratava de uma cilada preparada pelo sedutor no intuito de lhe fazer algum mau, fosse torturar e, até mesmo, matar. Sem ter para onde correr, embora o tenha tentado, no ímpeto Ray tirou a faca das mãos do menor e com a arma no pescoço dele, ameaçou o grupo de matá-lo, caso não o deixassem fugir.

Ao verem o choro desesperador do menor, o grupo concordou em abrir caminho e deixou Ray fugir. A uma distância de alguns metros, Ray abandonou o menino e voltou para a festa. Apesar da situação embaraçosa, Ray conta o caso com um sorriso no rosto e demonstra humor durante sua ameaça de morte e demonstração da fuga com a faca no pescoço do menor. “Não confiem. Tem *boy* que é nojento pra querer fazer cilada com

---

<sup>21</sup> Gíria utilizada por homossexuais para ladrão, bandido, maloqueiro.

o viado (...). Por isso que a gente apronta com eles também (*risos*)”, frase de Ray que conclui o vídeo (FURAÇÃO, 2019b).

## Resultados

Embora sejam de ordem preliminar, os resultados deste artigo partem para dois pontos observados nas narrativas dos personagens analisados: o fato de ambos viverem perigosamente e como se empoderam diante das circunstâncias. Nosso entendimento é que por não poderem expressar-se livremente seu amor, como os héteros, os *gays* buscam a pegação na “ordem subliminar”, a única forma de viverem o prazer<sup>22</sup>.

Dito isso, observamos que nos quatro vídeos fica evidente que as narrativas pessoas tornam-se mediatizadas, na medida em que há presença da mídia na cotidianidade dos personagens, cujas vivências se baseiam em práticas orientadas por ela, como destacou Escosteguy (2011).

Quando expõem seus corpos e suas experiências diante das câmeras para que sejam visibilizados, os personagens, nos moldes apresentado por Kilpp e Montaña (2012), fazem usos e apropriações dos recursos audiovisuais-midiáticos, transformando-se em fluxos comunicacionais cujas molduras fazem produzir sentido junto aos seus públicos, exercendo, desse modo, seu direito de filmar e ser filmado.

Ao postarem seus vídeos com relatos de violências sofridas, Baia e Raymundinho, personificam o que Sibilia (2016), denominou de *extimidade*, uma nova forma de vida calcada na lógica espetacular da imagem. Pertencente à era da iconofagia<sup>23</sup>, a subjetividade é construída com base no que é postado na rede, está disponível ao olhar do outro, seja em palavras e/ou imagens.

## Considerações Finais

Ao que se percebe, as personagens analisadas neste artigo demonstram seu lado divertido durante os vídeos, utilizando o bom humor como estratégia para cativar seus públicos de interesse. Suas histórias narratológicas engraçadas ao passo que divertem,

---

<sup>22</sup> Em vídeo recente, Ary Regis Lima esclareceu que Baia argumentava que sempre buscava pegação, mas nunca de perigo (LIMA, 2020). “A gente vai atrás de pegação. Todas vão atrás de pegação. (...) Porque o perigo é uma coisa, meu amor, que vem no pacote das situações. (...) Nem todas as vezes a gente se sai de bem”, disse Baia (LIMA, 2011a).

<sup>23</sup> Em seu livro “A Era da Iconofagia”, Norval Baitello Junior (2014) assegura que estamos vivendo numa época onde a sociedade é mediatizada, globalizada e teleidiotizada, em cujo período há uma “proliferação indiscriminada, às vezes cruel e selvagem, de imagens”. Nessa era, assim como o indivíduo se alimenta de imagens, é ele próprio, do mesmo modo alimento delas.

conscientizam os internautas e, conseqüentemente, se tornam verdadeiros ícones para a comunidade *gay*.

Ademais, as narrativas de Baía Bahia e de Raymundinho Furacão trazem em si a militância, a identidade, o lugar social de suas experiências em diferentes espaços no país. Nas trajetórias de vida, por meio das narrativas e ‘causos’, os personagens lidam com situações das mais diversas sem deixar de dar visibilidade à homossexualidade.

A partir desses lugares em que vivem, os autores dos vídeos demarcam os seus territórios, por meio de táticas e estratégias na perspectiva de enfrentar os desafios na maioria das vezes impostos pela sociedade. Enfim, como aduz Macrae (2005, p. 299), são nestes espaços que o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social e “uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos”.

### Referências

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALMEIDA, Elessandro de. Ary Regis e Baía Bahia em Laranjas Bahia. 2015. Disponível em: <<https://notivagosodiapelanoite.blogspot.com/2015/01/ary-regis-e-baia-bahia-em-laranjas-bahia.html>> . Acesso em 06 mai 2020.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CARDOSO, João Gabriel Maracci; PAZ, Bernard Martins; ROCHA, Kátia Bunes e PIZZINATO, Adolfo. Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. Psicologia USP [online]. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642019000100206&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642019000100206&lng=pt&nrm=iso)> . Acesso em 07 ago 2020.
- CFP. Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019.
- COUTINHO JUNIOR, Severino Felix; DIAS, Noaldo Cardozo; SOUTO, Andréa Cristina do Nascimento Monteiro; ANDRADE, Lucicléia Santos da Silva. Preconceito, Medo e Repressão, da Infância a Vida Adulta, na Construção ou na Perda da Identidade do Universo Homoafetivo a partir da Análise da Série Laranjas Bahia. In: III Congresso



- Nacional de Educação – Conedu, 2016, Natal, RN. Anais (on-line). Natal: Conedu, 2016. Disponível em: <<http://edicoes.conedu.com.br/2016/trabalhos-aprovados.php>>. Acesso em 04 mai 2020.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Narrativas pessoais midiáticas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia. Revista Famecos, PUC-RS, Porto Alegre, v.18, n.1, p.198-211, jan/abr 2011.
- FURAÇÃO, Raymundinho. Levei ele pra minha casa, olha o que aconteceu. Canal Raymundinho Furacão. Publicado em 22 out 2019 (a). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=exgwwNqti3A>>. Acesso em: 6 mai 2020.
- FURAÇÃO, Raymundinho. Saí com um, apareceu mais três. Canal Raymundinho Furacão. Publicado em 27 jul 2019 (b). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=DaEtSSb\\_0EE](https://www.youtube.com/watch?v=DaEtSSb_0EE)>. Acesso em: 12 mai 2020.
- JERÓNIMO, Nuno Amaral. Humor na sociedade contemporânea. 2015. 256f. Tese de doutorado em Sociologia – Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015.
- HMC, Pedro. Jô Soares entrevista Pedro HMC, Felipe Abe e Nelson Sheep. Publicado em 23 set 2014. Entrevista concedida a Jô Soares. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3649962/>>. Acesso em 09 mai 2020.
- HMC, Pedro. Produzindo conteúdo *Gay* no *YouTube*, com Põe na Roda - Parada LGBT 2018 de São Paulo. Publicado em 3 jun 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IHhHlpV9WAA>>. Acesso em 11 mai 2020.
- KILPP, Suzana; MONTAÑO, Sonia. Trânsitos e conectividades na web: uma ecologia audiovisual. Revista Matrizes, USP, São Paulo, Ano 6, nº 1, p. 129-143, jul./dez. 2012.
- LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, Ary Régis. A psicopata do Grindr. Série Laranjas Baia - Canal Ary Régis Lima. Publicado em 13 mai 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bAo9XZYPvP0&t=413s>>. Acesso em: 2 mai 2020.
- LIMA, Ary Régis. Confissões de Uma Personagem Fria. Série Laranjas Baia - Canal Ary Régis Lima. Publicado em 17 abr 2011a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=udvGjWq2UE&t=671s>>. Acesso em: 12 ago 2020.

- LIMA, Ary Régis. Hoje tem Espetáculo. Série Laranjas Baia - Canal Ary Régis Lima. Publicado em 25 jul 2011b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1kHOOHPqaZg>>. Acesso em: 7 mai 2020.
- LIMA, Ary Régis. Pegação De Risco. Série Laranjas Baia - Canal Ary Régis Lima. Publicado em 20 ago 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=udvGjWq2UE&t=671s>>. Acesso em: 12 ago 2020.
- MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James Naylor; TRINDADE, José Ronaldo (Org.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.
- MISKOLCI, Richard. Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- SARAIVA, Luiz Alex Silva; IRIGARAY, Helio Arthur Reis. Humor e Discriminação por Orientação Sexual nas Organizações: Um Estudo sobre Histórias de Vida. Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, XXXIII, 2009, São Paulo. Anais... São Paulo: ANPAD, 2009.
- SIBILIA, Paula. O show do Eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

**ABSTRACT:**

In this article we describe the narratives of two characters who in the last decade published videos about their most intimate secrets, usually love affairs and everyday life that have gained worldwide repercussion, through the space offered by Youtube. We propose to analyze the channels Ary Régis Lima and Raymundinho Furacão. For this, we selected four videos produced for entertainment, but in which the characters portray the violence experienced by them, through their sexual orientation. Although the narratives are full of satires, humor and exhibitionism, Baia Bahia and Raymundinho Furacão militate while presenting moments of danger and distress.

**KEYWORDS:** Media narrative; YouTube; humor; violence against *gays*.

**RESUMEN:**

En este artículo describimos las narraciones de dos personajes que en la última década han publicado videos sobre sus secretos más íntimos, generalmente los amores y la vida cotidiana que han ganado repercusión mundial, a través del espacio proporcionado por Youtube. Proponemos analizar los canales Ary Régis Lima y Raymundinho Furacão. Para esto, seleccionamos cuatro videos producidos para entretenimiento, pero en los que los personajes retratan la violencia que experimentan a través de su orientación sexual. Aunque las narraciones están llenas de sátiras, humor y exhibicionismo, Baia Bahía y Raymundinho Furacão militan mientras presentan momentos de peligro y angustia.

**PALABRAS-CLAVES:** Narrativa mediática; Youtube; humor; violencia contra los *gays*.